

Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]

VEYNE, Paul, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
(288 páginas)

Luís Corrêa Lima

O século 4º da era cristã é bastante emblemático. Foi neste período que o cristianismo, crença perseguida no Império Romano, tornou-se a religião do imperador e, por fim, religião oficial do próprio Império. Esta enorme virada lhe deu fôlego para aspirar a ser uma grande religião mundial. E o mundo greco-romano pouco depois adotaria um novo calendário: não mais centrado na fundação de Roma, mas no nascimento de Cristo. Tamanha mudança suscita admiração, e chega até mesmo a ser intrigante. Ainda hoje o nascimento da cristandade é controverso.

Este tema recebe uma importante contribuição na obra do renomado historiador Paul Veyne. Nascido na França em 1930, ele é também arqueólogo e especialista em Roma antiga. Publicou vários livros, entre os quais *Sexo e poder em Roma*, *Como se escreve a história*, *Pão e circo*, *História da vida privada* (vol.I) e *Acreditavam os gregos em seus mitos?* Veyne pertenceu ao Partido Comunista nos anos 50 e se confessa não crente. Mas isto em nada prejudica sua abordagem deste assunto tão caro aos cristãos.

A Igreja cristã tinha começado muito mal o século 4º. Entre os anos 303 e 311 sofreu uma das piores perseguições de sua história, com milhares de mortos. O imperador Constantino converteu-se ao cristianismo depois de um suposto sonho, em que lhe apareceu a inscrição cristã do crisma (XP sobreposto), e a exortação divina “sob este signo vencerás”. O crisma foi reproduzido no escudo de seus soldados e ele enfrentou seu principal adversário, Maxêncio, na batalha da Ponte Mílvio. Após a vitória, ele entrou triun-



falmente em Roma com seu exército exibindo aquele símbolo. Nessa época estima-se que só cinco ou dez por cento da população eram cristãos, num Império com cerca de 70 milhões de habitantes. A revolução religiosa promovida por Constantino em 312 é considerada o ato mais audacioso já cometido por um autocrata, desafiando e desprezando o que pensava a grande maioria dos súditos.

Constantino instalou a Igreja no Império e deu ao governo central uma nova função: a de ajudar a verdadeira religião. Com isso permitiu ao cristianismo poder tornar-se um dia uma das grandes religiões do mundo. Ele estava convencido de que se não se prestasse o devido culto à divindade, não se poderia garantir o futuro político do Império.

No século 4º, entretanto, a cidade de Roma era o Vaticano do paganismo, como dizia Peter Brown. E um paganismo que chegava a ser intransigente. O prefeito de Roma, um pagão, queria mandar enterrar viva uma vestal que quebrara seu voto de castidade. Mas para os fiéis comuns a relação com a divindade era meramente utilitária. Pagãos incrédulos raramente diziam: ‘os deuses não existem, não são verdadeiros’. Limitavam-se a dizer: ‘é inútil prestar-lhes culto para conseguir seu favor ou sua proteção’.

Um pagão se contentava se seus deuses o socorressem em seus desejos. Augusto não era o servo de Apolo, apenas se tinha dirigido a ele. No cristianismo era diferente. Constantino não deixou de repetir que era um servo de Cristo, que o tomara a seu serviço e sempre lhe dera a vitória. Não se adora o Deus cristão com oferendas, não se lhe sacrificam vítimas, mas se obedece à sua Lei. Quando um cristão se coloca diante de seu Deus, sabe que não deixa de ser olhado e de ser amado. Os deuses pagãos, por sua vez, viviam antes de tudo para si mesmos.

O cristianismo era uma contrassociedade quase completa, que redistribuía a riqueza através da esmola. Tinha engendrado uma vasta literatura religiosa. O paganismo não passava de uma religião, mas o cristianismo era simultaneamente uma crença, uma espiritualidade, uma moral e uma metafísica, tudo sob uma autoridade eclesial. Ele tinha uma completude social. A maior parte das conversões foi suscitada pela piedade amorosa que essa religião de amor respirava, pelos fervores coletivos durante as longas assembleias semanais de um culto comunitário, pela esperança e pela alegria de uma destinação sobrenatural, e pela paz da alma muito diferente da ataraxia estoica. Nossa existência na Terra não era mais o absurdo de uma breve passagem entre dois nada. As seitas filosóficas, do epicurismo ao estoicismo, permaneciam nisso. O cristianismo dava a todos os homens uma vocação sobrenatural e uma igualdade espiritual.

Que tipo de homem foi então Constantino? Eis aí um dos nós da historiografia. Ele foi um militar e um político brutal e eficiente que só se tornou cristão por uma questão de cálculo. Esta é a resposta desde o historiador Jacó Burkhardt, movida por uma recusa à hagiografia. Mas se trata de uma falsa visão quanto ao que lhe poderia trazer politicamente a sua conversão. Ele não buscava aprovação e apoio de uma minoria desprovida de influência, sem importância política e detestada pela maioria. Constantino não podia ignorar que adorar outra divindade, não cultuada pela maioria de seus súditos e nem pela classe dirigente, seria uma maneira ruim de conquistar-lhes os corações.

Crentes ou não crentes, os historiadores hoje estão de acordo em ver em Constantino um crente sincero. Apesar do ceticismo historiográfico que longamente reinou, é preciso dizer que Constantino se converteu porque acreditou em Deus e na redenção. Com isto não se nega a confluência de sinceridade religiosa e interesses mundanos. A sorte dele foi jamais ter de escolher entre sua fé e o poder.

O capítulo final do livro é sobre as chamadas raízes cristãs da Europa, certamente a questão que dá origem ao livro. Para Veyne, o cristianismo é o que fomos e permanece um nome ancestral. Moramos numa velha casa, vivemos num quadro histórico mas, para a maioria, não temos mais as convicções nem as condutas dos antigos habitantes. Não é o cristianismo que está na raiz da Europa, é a Europa atual que inspira o cristianismo ou algumas de suas versões. O velho solo cristianizado foi para as Luzes um terreno que, embora não destinado à sementeira, conseguiu recebê-la melhor do que outros solos.

A Europa, prossegue ele, não tem raízes cristãs ou quaisquer outras raízes, pois se fez através de etapas imprevisíveis. Nenhum de seus componentes é mais original que qualquer outro. Não foi pré-formada no cristianismo, não é o desenvolvimento de um germe, mas o resultado de uma ‘epigênese’. De resto, o cristianismo também o é.

Aqui nós deparamos com uma concepção ‘antiorgânica’ de história, onde etapas imprevisíveis se sucedem sem ‘raízes’ ou ‘germes’ que as antecedam. Não se deve ignorar a dialética da duração, do mestre também francês Fernand Braudel. Há no instante presente uma articulação e uma oposição viva, sempre se renovando, entre o que muda e o que teima em permanecer. Não é por acaso que o velho solo cristianizado da Europa recebeu a sementeira das Luzes melhor do que outros solos. Se a Europa atual inspira versões do cristianismo, como o Concílio Vaticano 2º que assimilou importantes elementos da modernidade, é porque há uma conaturalidade entre o

velho Continente - com sua história, sua cultura e suas Luzes – e a religião professada por Constantino, capaz de assumir novas configurações bem diferentes da cristandade do século 4º.

Luís Corrêa Lima

Doutor em História pela UnB

Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio